



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO  
INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS  
LICENCIATURA EM LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA**

**VALDIR BICALE INFULNA IÉ**

**BREVE REVISÃO SOBRE O PARÂMETRO DO SUJEITO NULO:  
REVISITANDO OS DADOS DO GUINEENSE**

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2019**

**VALDIR BICALE INFULNA IÉ**

**BREVE REVISÃO SOBRE O PARÂMETRO DO SUJEITO NULO:  
REVISITANDO OS DADOS DO GUINEENSE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras - Licenciatura - Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras, Campus dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Ferreira Santos.

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2019**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Sistema de Bibliotecas da Unilab  
Catalogação de Publicação na Fonte

I24b

Ié, Valdir Bicale Infulna.

Breve revisão sobre o parâmetro do sujeito nulo : revisitando os dados do guineense / Valdir Bicale Infulna Ié. - 2019.

54 f. : il. mapas, color.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2019.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Ferreira dos Santos.

1. Gramática gerativa. 2. Língua guineense - Sujeito nulo. 3. Parâmetro *pro-drop*.  
4. Princípios e parâmetros - Linguística. I. Título.

BA/UF/SEBI

CDD 469.796657

**VALDIR BICALE INFULNA IÉ**

**BREVE REVISÃO SOBRE O PARÂMETRO DO SUJEITO NULO:  
REVISITANDO OS DADOS DO GUINEENSE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras - Licenciatura - Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras, Campus dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Aprovado em 06 de setembro de 2019.

**BANCA EXAMINADORA**

**Prof. Dr. Eduardo Ferreira dos Santos (Orientador)**

Doutor - Universidade de São Paulo

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Shirley Freitas Sousa**

Doutor - Universidade de São Paulo

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Wânia Miranda Araújo da Silva**

Doutora - Universidade de São Paulo

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

À minha mãe, Rosa Djú (*in memoriam*)

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus pelo dom da vida e de ter me guiado nessa longa e árdua caminhada acadêmica.

Agradeço ao meu orientador, professor Eduardo Ferreira dos Santos, pela paciência, dedicação e muita preocupação para com o meu trabalho nos meus momentos mais delicados.

Agradeço à professora Shirley Freitas Sousa pela leitura atenta deste trabalho e por todas as indicações feitas. O meu profundo reconhecimento à professora Lídia Lima da Silva que desde início acreditou em mim, sempre com muita paciência e sabedoria. Agradeço à professora Wânia Miranda Araújo da Silva, por ter aceitado compor a banca. Serei eternamente grato a todos vocês por tudo isso.

Agradeço à minha falecida mãe, Rosa Djú. Gostaria muito que ela estivesse nesses momentos que ela sempre sonhou em ver, mas sei que ela está feliz e orgulhosa por tudo, pois ela contribuiu e MUITO para que esse momento chegasse.

Agradeço aos meus familiares, aos meus pais, Helena Djú e Martinho Infulna Ié, pelo apoio incondicional que me deram durante toda a minha vida. Foi difícil viver longe das minhas sombras, mas hoje valeu a pena todo esse sacrifício.

Agradeço aos meus irmãos, Carlota, Lucio, Martina, Gabriela, Marciano, Alzira, Fidelia e Alberta, pelo incentivo e muita força que me transmitirem ao longo desses anos de muita saudade.

Quero expressar, igualmente, a minha gratidão à Locarine Mendes Oncampo (Niki), uma irmã que da vida ganhei de presente e foi sempre a pessoa em que posso contar e confiar nos momentos bons e ruins, pois esteve ao meu lado nos momentos que mais precisei. Te amo muito, mana.

Agradeço à minha madrinha, Janica Lopes N´dela, pela disponibilidade de me atender a todo momento que preciso. Uma pessoa incansável.

Aos meus amigos, colegas de curso e aos meus professores, deixo-vos um agradecimento especial; sem vocês tudo isso não seria possível.

## RESUMO

Este trabalho tem como tema o parâmetro *pro-drop*. O objetivo é apresentar a presença dos sujeitos nulos no guineense. Parte-se do pressuposto de que essa língua possui a morfologia verbal “fraca”. Muitos estudos que se dedicam à descrição e análise do parâmetro do sujeito nulo demonstram que existe uma relação entre morfologia verbal “rica” e a não realização do sujeito. Chomsky (1981, apud FREITAS, 2010) assume o fenômeno do sujeito nulo e afirma que nas línguas *pro-drop* a concordância tem a capacidade de controlar o sujeito de alguma forma, o que seria impossível para as línguas não *pro-drop*. Entretanto, nem sempre a relação morfologia “rica” e sujeito nulo é direta, considere, por exemplo, o chinês que permite o sujeito nulo e não possui um paradigma flexional “rico” para indicar a pessoa do discurso. Em casos como o do chinês, a relação entre morfologia verbal “rica” deixa de desempenhar um papel primordial na explicação do apagamento do sujeito pronominal. Este trabalho assume o quadro da Teoria Gerativa na sua versão de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981, apud FREITAS, 2010). O método utilizado para a realização deste trabalho foi a revisão bibliográfica de trabalhos já realizados; além disso, foram considerados dados do guineense a partir da intuição de falantes nativos dessa língua.

**Palavras-chave:** Gramática gerativa. Língua guineense - Sujeito nulo. Princípios e parâmetros - Linguística. Parâmetro *pro-drop*.

## RESUMU

Es tarbadju tene suma tema paramitru *pro-drop*. Objetivu i aprezena prizensa di sujeitus nulus na kryol. I ta parti di prosupostu di ki e lingua tene morfologia verbal fraku. Manga di studu ku dedica na analiza paramitru *pro-drop* mostra di kuma i i izisti um relason entri morfologia verbal riku ku não realizason di sujeitu. Chomsky (1981, apud FREITAS, 2010) asumi fenominu di sujeitu nulu contra i afirma di kuma na linguas *pro-drop* konkordansia tene kapasidadi di kontrola sujeitu di algum manera, ke ki impusivel pa linguas ki ka *pro-drop*. I ka sempri ku relason morfologia riku ku sujeitu nulu i diretu, shines pa izemplo, ita piriti sujeitu nulu ma i ka tene paradigma flexional riku pa india kim ku na papia. Na cazus suma di shines, morfologia verbal riku ta disa di dizimpenha papel primordial na ispliason di pagamentu di sujeitu pronominal. E tarbadju assumi quadru di Teoria Gerativu na si verson di Principiu ku Paramitru (CHOMSKY, 1981, apud FREITAS, 2010). Metudu utilizadu pa fasi e tarbadju i revison bibliografiku , alem di kila, i consideradus tam dadus di kryol apartir di intuison di falantis nativus des lingua.

**Palabras-chavi:** Gramatika universal. Kryol. Paramitru *pro-drop*.



## ABSTRACT

This work has as its theme the pro-drop parameter. The objective is to present the presence of null subjects in Guinea. It is assumed that this language has the "weak" verbal morphology. Many studies dedicated to the description and analysis of the null subject parameter show that there is a relationship between "rich" verbal morphology and non-realization of the subject. Chomsky (1981, apud FREITAS, 2010) assumes the null subject phenomenon and states that in pro-drop languages the agreement has the ability to control the subject in some way, which would be impossible for non-pro-drop languages. However, the relationship between "rich" morphology and null subject is not always straightforward, consider, for example, the Chinese that allows the null subject and does not have a "rich" flexional paradigm to indicate the person of speech. In cases such as the Chinese, the relationship between "rich" verbal morphology no longer plays a major role in explaining the pronominal subject's deletion. This work takes the framework of Generative Theory in its version of Principles and Parameters (CHOMSKY, 1981, apud FREITAS, 2010). The method used for this work was the literature review of works already done; In addition, Guinean data were considered based on the intuition of native speakers of that language.

**Keywords:** Generative grammar. Guinean language - Null subject. Pro-drop parameter. Principles and parameters - Linguistics.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b>	Mapa de Guiné-Bissau	14
<b>Tabela 1</b>	Situação linguística conforme Couto e Embaló (2010)	16
<b>Tabela 2</b>	Distribuição das religiões pela população	17
<b>Figura 2</b>	Possibilidades de marcação do sujeito nulo segundo Veríssimo (2017)	36
<b>Tabela 3</b>	Pronomes no guineense - paradigma flexional	38
<b>Tabela 4</b>	Propriedades – Parâmetro <i>pro-drop</i>	50

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	12
<b>2</b>	<b>ASPECTOS SOCIOLINGUÍSTICOS DE GUINÉ-BISSAU: BREVE DESCRIÇÃO</b>	14
2.1	SITUAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA	14
2.2	FORMAÇÃO DO GUINEENSE (KRIOL)	18
<b>3</b>	<b>A TEORIA GERATIVA E O PARÂMETRO DO SUJEITO NULO</b>	23
3.1	BREVE HISTÓRICO DA ORIGEM DA TEORIA GERATIVA	23
3.1.1	A gramática universal: princípios e parâmetros	25
3.1.2	O parâmetro <i>pro-drop</i>	27
<b>4</b>	<b>O PARÂMETRO <i>PRO-DROP</i> E O GUINEENSE</b>	37
4.1	O PARADIGMA PRONOMINAL DO GUINEENSE E O PARÂMETRO <i>PRO-DROP</i>	37
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	52
	<b>REFERÊNCIAS</b>	53

## 1 INTRODUÇÃO

A possibilidade de uma língua poder ter o sujeito realizado ou omitido foneticamente, conhecida como parâmetro *Pro-drop*, é uma das temáticas dentro da linguística que tem recebido muitas contribuições, e, conseqüentemente, passado por reformulações ou refinamentos, desde a sua apresentação oficial em Chomsky (1981), quando se inaugurava, dentro do quadro de estudos da Gramática Gerativa, uma nova fase de busca dos *princípios universais* das línguas humanas a partir, justamente, das possíveis variâncias interlinguísticas permitidas por cada um dos *parâmetros* associados a esses princípios. Os princípios seriam universais, são características presentes em todas as línguas; os parâmetros seriam os aspectos que diferenciam as línguas umas das outras.

Originalmente a discussão sobre a possibilidade de uma língua poder ter o sujeito nulo ou realizado foneticamente, proposta a partir de comparações entre inglês e as línguas com o parâmetro marcado como *pro-drop* positivo, quando o sujeito pode não ser foneticamente realizado, estaria ligada à “rica” especificação morfológica da concordância verbal (DUARTE, 1995).

O parâmetro *pro-drop* foi assumido por Chomsky (1981) ao afirmar que, nas línguas com marcação positiva para esse parâmetro, a concordância (*agreement*, AGR) em uma língua com morfologia “rica” teria a capacidade de controlar o sujeito de alguma forma, o que seria um problema para as línguas com morfologia “fraca”. Nesse caso, a presença de uma morfologia verbal “rica” seria responsável pela identificação do conteúdo no sujeito.

Entretanto, nem sempre a relação morfologia “rica” e sujeito nulo é perfeita; prova disso é o chinês que permite o sujeito nulo, mas não possui um paradigma flexional “rico” e este deixa de desempenhar o papel primordial na explicação do fenômeno de apagamento do sujeito pronominal.

No que diz respeito ao guineense, que dispõe de uma única forma semelhante para todas as pessoas do discurso, não é possível o licenciamento do sujeito nulo. Ou seja, a previsão feita por Chomsky é verificável no guineense.

Ainda que esse tema já tenha sido tratado para dados do guineense (cf. NICOLIS, 2008 apud VERÍSSIMO 2017; CASTRO, 2012, por exemplo), é um campo de investigação interessante e que necessita de mais estudos para a ampliação de descrição da língua. Nesse sentido, este trabalho de conclusão de curso é muito importante, pois contribuirá no enriquecimento dos debates sobre realidades linguísticas guineenses.

A considerar os pressupostos teóricos, este trabalho busca entender as respostas para as seguintes questões: (i) o guineense é uma língua do sujeito nulo ou pleno? (ii) que fenômenos linguísticos condicionariam a realização ou não dos sujeitos pronominais no guineense?

Diante da importância que os estudos sobre o parâmetro *pro-drop* ganharam dentro da Teoria Gerativa, o presente trabalho de conclusão de curso tem por objetivo geral apresentar, brevemente, como alguns autores propuseram a discussão sobre o sujeito (nulo ou pleno). O foco dessa apresentação são dados do guineense e utiliza-se os quadros da Teoria de Princípios e Parâmetros. Para tanto, parte-se da ideia de que o guineense possui morfologia verbal “fraca”, pois não existem marcas morfológicas no verbo que indiquem a pessoa do discurso, e os estudos que se debruçam sobre o parâmetro *pro-drop* têm considerado, além de alguns outros aspectos, a presença da morfologia verbal “rica” como o mecanismo significativamente relacionado à existência de sujeito nulo numa língua, como é o caso do italiano e do espanhol, por exemplo.

As discussões expostas neste trabalho sustentam-se nos pressupostos do quadro Teórico de Princípios e Parâmetros da Gramática Gerativa (Chomsky, 1981), a que se tem referido como Sociolinguística Paramétrica (Kato, 1999; Duarte, 1995; Silva, 2006; Freitas, 2010, entre outros).

A metodologia de pesquisa utilizada para esse trabalho é a revisão bibliográfica de alguns trabalhos já realizados, além de considerar os dados de acordo com a intuição de falantes nativos do guineense.

Este trabalho está organizado em três capítulos. O Capítulo (2) traz os aspectos sociolinguísticos da Guiné-Bissau. O capítulo (3) apresenta o Parâmetro do Sujeito nulo no quadro da Teoria Gerativa. O capítulo (4) aborda o Parâmetro do Sujeito no guineense trazendo os quadros pronominais e a conjugação verbal, além de uma breve descrição dos dados. E, por fim, as considerações finais.

## 2 ASPECTOS SOCIOLINGUÍSTICOS DE GUINÉ-BISSAU: BREVE DESCRIÇÃO

Neste capítulo do trabalho, com o objetivo de apresentar o contexto de Guiné-Bissau, serão expostas algumas informações sobre a situação política, linguística e cultural do país.

### 2.1 SITUAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA

Guiné-Bissau é um pequeno país de 36.125 km<sup>2</sup>, situado na costa ocidental africana entre o Senegal (a norte) e a Guiné-Conacri (a este e a sul) e banhando a oeste pelo Oceano Atlântico. Guiné-Bissau possui aproximadamente quarenta ilhas que compõem o arquipélago dos Bijagós.

Politicamente, o país é dividido administrativamente em oito regiões e um sector autónomo, Bissau, sua capital. Essas regiões administrativas são divididas em sectores e esses, por sua vez, em secções, compostas por tabancas (aldeias). As regiões e sectores são dirigidos por comitês de Estado, encabeçados por Governador de Região e um administrador em cada sector.

**Figura 1** - Mapa de Guiné-Bissau



Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Guin%C3%A9-Bissau>

O clima tropical da costa da Guiné-Bissau atrai a fixação de vários povos nessa região; foi esse um dos fatores que, segundo Bull (1989, apud CHAPOUTO, 2014), influenciou a colonização portuguesa e também a relação entre europeus e africanos.

Os portugueses chegaram no território guineense no século XV quando deram início à expansão marítima.

Nuno Tristão chegou a estas terras da costa ocidental da África em 1446, tendo-se estabelecido, desde então, contínuos contatos entre este território e Portugal. Formaram-se as primeiras povoações portuguesas, Cacheu, Farim e Zinguinchor, nos séculos XVI e XVII, e Bissau no século XVIII, tendo ficado, no entanto, sujeitas à administração de Cabo-verde (PÉLISSIER, 1989, apud CHAPOUTO, 2014).

Conforme Péliissier (1989, apud CHAPOUTO, 2014), quando os portugueses chegaram, colocaram o poder administrativo de Guiné-Bissau sob controle cabo-verdiano e isso durou praticamente por quatro séculos. O controle de Cabo Verde foi interrompido após a Conferência de Berlim (realizada entre 1884 e 1885); nesse momento foram traçadas as fronteiras das antigas colônias africanas pelos colonizadores europeus. A Guiné-Bissau foi entregue a Portugal e se tornou uma Província Ultramarina Portuguesa em 1951 (COUTO, 1994, apud CHAPOUTO, 2014).

Segundo o Instituto Nacional de estatística (INE), em 2018, Guiné-Bissau tinha uma população estimada de 1.584.791 habitantes. Essa população pode ser caracterizada por uma significativa diversidade étnica e cultural (cf. EMBALÓ, 2008) isso porque no país existem muitas etnias convivendo (balantas, pepel, fulas, mandingas, manjacos, mancanhas, beafadas, felupes, bijagós), além da circulação de povos de outras regiões.

Guiné-Bissau foi a primeira colônia portuguesa na África a tornar-se independente de Portugal. Essa independência aconteceu depois de onze anos de duras lutas armadas. O Partido Africano da Independência de Guiné e Cabo-Verde (PAIGC), formado em 1956, tendo Amílcar Lopes Cabral como um de seus fundadores, teve papel muito importante nesse processo de independência.

A 24 de Setembro de 1973 o movimento de libertação proclamou unilateralmente o Estado da República da Guiné-Bissau, que veio a ser reconhecido por Portugal somente quase um ano mais tarde, a 10 de setembro, depois do derrube do regime ditatorial de Lisboa pela Revolução dos Cravos na Primavera de 1974 (EMBALÓ, 2008, p. 101).

A língua oficial, usada nos documentos oficiais, na política e no ensino, é o português, entretanto não é a língua materna da maioria da população.

Tal como aconteceu com as demais ex-colônias portuguesas, a Guiné-Bissau tem como língua oficial o português, que é também a língua de ensino, de cultura e de comunicação em fóruns internacionais onde ele é utilizado [...] O português não é a língua de comunicação nacional, na medida em que apenas cerca de 13% dos guineenses a falam, incluindo os que a têm como língua segunda, terceira ou até mesmo quarta para a maior parte dos guineenses (EMBALÓ, 2008, p. 101).

Há inúmeras línguas nacionais faladas por diferentes etnias, entre elas o guineense. Cada etnia possui a sua própria língua. Conforme Couto e Embaló (2010), essa diversidade linguística é resultado dos processos de invasão realizada pelo Império de Mali, antes da chegada dos portugueses, e por outros povos, além das migrações e imigrações decorrentes de razões econômicas (existe uma circulação de pessoas que saem de áreas mais rurais para áreas mais comerciais).

No território da atual Guiné-Bissau, são faladas cerca de 20 línguas, muitas delas pertencentes a famílias diferentes, outras tão aparentadas que poderiam ser classificadas como dialeto de uma mesma língua. Estas línguas coabitam com o crioulo (o guineense), língua veicular e de unidade nacional, e com o português, língua oficial, ambas resultantes da colonização portuguesa (COUTO; EMBALÓ, 2010, p.28).

De acordo com os dados extraídos do Ethnologue (cf. COUTO e EMBALÓ, 2010), em 2002, a situação linguística da população, que na época era de aproximadamente 1.200.000 habitantes, pode ser apresentada como na Tabela (1).

**Tabela 1** - Situação linguística conforme Couto e Embaló (2010)

<b>Línguas</b>	<b>Porcentagem e número de falantes</b>
Fula	20,4% (245.130 falantes)
Balanta	30,5% (367.000 falantes)
Mandinga	12,9% (154.200 falantes)
Manjaco	14,1% (170.230 falantes)
Pepel	10,4% (125.550 falantes)
Felupe	1,8% (22.000 falantes)
Beafadas	3,4% (41.420 falantes)
Bijagó	2,3% (27. 575 falantes)
Mancanha	3,4% (40855 falantes)
Nalu	0,6% (8 50 falantes)

Fonte: Couto e Embaló (2010, p.28)



Ainda de acordo com Couto e Embaló (2010), além das línguas listadas na Tabela (1), há outras que circulam pelo país.

Com um número pouco significativo de falantes, poderíamos acrescentar ainda o bayote, o banhum, o badyara (pajadinca), o cobiana, o nalu, o cunante (sem percentagem de falantes), o cassanga (já praticamente desaparecido), o wolof, o francês, o inglês etc. O francês se faz presente devido às intenções relações que os guineenses mantêm com os vizinhos Senegal e Guiné-Conacri, nos quais ele é língua oficial. Com efeito, esses países também são multilíngues, sendo que no Senegal o wolof é a língua de unidade nacional e o francês a língua do Estado. Voltando à Guiné-Bissau, o guineense é falado por uns 75% a 80% de população (COUTO; EMBALÓ, 2010, p.30).

No que se refere às religiões presentes no território, de acordo com Couto e Embaló (2010), que partem de dados extraídos da página oficial de Guiné-Bissau, a distribuição das religiões pode ser estimada conforme a Tabela (2) abaixo.

**Tabela 2** - Distribuição das religiões pela população

<b>Religião</b>	<b>Percentagem</b>
Muçulmanos	50%
Cristão	40%
Animistas	10%

Fonte: Couto e Embaló, (2010, p.30)

Segundo Chapouto (2014), a grande maioria da população guineense vivia nas zonas rurais e isso ainda é dessa forma atualmente. Conforme a autora, a população dedica-se à prática agrícola e o acesso às escolas é muito difícil.

A maioria da população vive em zonas rurais, sendo a principal atividade do país a agricultura, que emprega 87% da população. É reduzida a percentagem dos que dedicam a outras áreas, 2% na indústria e 11% nos serviços. No que diz respeito à literacia, verifica-se um elevado índice do analfabetismo, 48,6% nos adultos e 58,5% nos jovens (CHAPOUTO, 2014, p.2).

Nesta seção do trabalho, foram, brevemente, contextualizados os aspectos sociolinguísticos, políticos e culturais de Guiné-Bissau, trazendo os dados das religiões e línguas que se fazem presentes nesse território.

## 2.2 FORMAÇÃO DO GUINEENSE (KRIOL)

Segundo Chapouto (2014), a chegada dos portugueses ao território da Guiné-Bissau, em 1446, deu início a um contato intercultural entre diferentes povos. De acordo com Couto (1994), o processo de colonização começou com a exploração do novo território que foi levada a cabo por alguns navegadores, aventureiros na descoberta da região que conviveram com a população local.

Estes aventureiros eram conhecidos por lançados, o termo lançado é participio do verbo lançar, assim sendo, sugere que os primeiros aventureiros a se fixarem na inhospita região dos negros foram os lançados das embarcações a fim de explorarem o interior africano (COUTO, 1994, p.17).

Ainda conforme Couto (1994) posteriormente, como o objetivo dos colonizadores era a exploração comercial da região, tornou-se necessária a colaboração dos ajudantes nativos, os grumetes. Segundo o autor, “grumetes eram nativos aculturados pelo contacto com os europeus, exercendo o papel de seus ajudantes.” (COUTO, 1994)

Nesse período, surgiram as primeiras organizações administrativas, as praças e os presídios, que eram a base da colonização. A praça segundo Bull (1989, apud CHAPOUTO, 2014, p. 3), pode ser definida como uma povoação fortificada e armada; presídio, por sua vez, seria a praça de pequenas dimensões e com meios defensivos mais escassos. De acordo com Costa (2014), havia em Guiné-Bissau duas praças, Cacheu e Bissau; Farim e Zinguinchor; havia ainda dois presídios, Geba e Lugar do Rio Nuno. É importante lembrar que, segundo Chapouto (2014), além de praças e presídios, foram construídos os entrepostos comerciais, onde operavam os lançados.

Os lançados tiveram um papel importante na formação do guineense, uma vez que se integraram à realidade sociocultural dos nativos, casando com as mulheres africanas, que eram denominadas tangomãs. Dessas uniões, nasceram os filhos da terra (CHAPOUTO, 2014).

Estavam, então, edificados os primeiros agrupamentos resultante da colonização portuguesa, cuja a população era majoritariamente constituída por lançados, grumetes, tangomãs e filhos de terra, e estava criado o ambiente favorável ao surgimento de uma nova forma de comunicação, o pidgin, e posteriormente o crioulo, que desse resposta às necessidades de uma comunidade multicultural (SCANTAMBURLO, 1994; apud CHAPOUTO, 2014, p.4).

Os filhos de terra, fruto da união entre lançados e tangomãs, foram, como refere Couto (1994), os primeiros falantes do crioulo, pois o pidgin tornou-se nativo a partir dessa geração de crianças.

Segundo Embaló (2008),

O guineense é um crioulo de base portuguesa, com uma gramática e léxicos próprios. Surgiu do contato do português com as línguas africanas, facilitando a comunicação não só entre europeus e os africanos, mas também entre estes próprios, dada a diversidade linguística da região. Ele ter-se-ia formado entre o fim do século XVI e o início do século XVII. (EMBALÓ, 2008, p.102 ).

Existem opiniões diferentes sobre o local de origem do guineense. Para alguns autores, o guineense teria surgido em Cabo Verde e depois levado para Guiné-Bissau (ver, por exemplo, SILVA, 1957); por outro lado, há autores que defendem que o guineense tenha se originado no continente, em Guiné-Bissau (ver, por exemplo BARBOSA, 1966).

As semelhanças entre o guineense e o caboverdiano de Sotavento e a possibilidade de intercompreensão entre os falantes dessas línguas, considerando ainda a proximidade histórica entre Cabo Verde e Guiné-Bissau, desencadearam as opiniões divergentes no que se refere ao local de origem (se Guiné-Bissau ou Cabo-Verde) do processo de crioulição (cf. CUNHA, 1981; apud CHAPOUTO, 2014, p. 4).

Conforme Couto (1994; apud Chapouto, 2014), é possível elencar algumas circunstâncias como sendo as principais para o aparecimento de uma língua crioula. Tais características seriam: a insularidade, a exogeneidade das populações (populações de outras regiões), a colonização - marcada pelas fases de “sociedade de habitação” e “sociedade de plantação”- e a existência de povos multilíngues em contato.<sup>1</sup>

Os autores que defendem a hipótese do surgimento do crioulo na Guiné-Bissau argumentam em favor de seu ponto de vista baseando-se em algumas características presentes no território de Guiné-Bissau, por exemplo, a existência dos povos multilíngues em contato. Segundo Couto (1994; apud CHAPOUTO, 2014),

Se considerarmos a hipótese de o guineense se ter formado no território da Guiné-Bissau, o processo de formação do crioulo deu-se numa sociedade multilíngue e uma das características da colonização foi a “sociedade de habitação”. Porém, das condições anteriormente enumeradas, são apenas estas as que a hipótese guineense reúne, pois não existiu “sociedade de implantação” - o interesse económico nessa região restringia-se ao comércio de escravos e de produtos como o ouro e o marfim -

---

<sup>1</sup> Sociedade de habitação pode ser definida como povoações criadas com o único meio de realizar comércio de pessoas escravizadas e a comercialização de produtos como ouro e marfim.; sociedade de plantação pode ser definida como, para além do interesse comercial, o interesse no cultivo (prática agrícola).

, nem exogeneidade da população – durante o processo de colonização, foram criadas povoações que eram constituídas essencialmente por autóctones (escravos, tangomãs, grumetes) - , nem insularidade - apesar da existência de ilhas, como Bissau e o arquipélago dos Bijagós, as primeiras organizações administrativas foram Cacheu e Geba, situadas no interior (COUTO,1994, apud CHAPOUTO,2014, p. 5).

Por outro lado, para os autores que defendem ter o guineense sua origem em Cabo Verde, esse espaço reuniria mais condições, se não todas, para o surgimento de uma língua crioula. “Por outro lado, a hipótese de o crioulo se ter formado em Cabo-verde parece credível, pois aqui se reúnem todas as condições necessárias para o processo de crioulaização” (CHAPOUTO, 2014).

Conforme Couto (1994 apud CHAPOUTO, 2014), o arquipélago de Cabo Verde estava desabitado antes da chegada dos portugueses e teria sido povoado a partir da chegada das pessoas escravizadas. Nesse território foi instalada uma “sociedade de implantação” e foram cultivados produtos como especiarias e algodão. Os escravizados que foram levados para Cabo Verde eram de diferentes etnias e vinham de várias regiões; isso formou uma situação de sociedade multilíngue (COUTO, 1994 apud CHAPOUTO, 2014).

Um dos defensores da hipótese caboverdiana é Baltazar Lopes da Silva (1957), para o qual

O crioulo falado na Guiné é, não uma criação resultante diretamente do contacto do indígena e o português, mas sim o crioulo cabo-verdiano de Sota-vento levado pelos colonos idos do arquipélago e que, com o tempo, se foi diversificando e adquirindo caracteres próprios sob a influência das línguas (COUTO, 1994, p. 31; apud CHAPOUTO, 2014, p. 5 ).

Há autores que refutaram essa teoria, como é o caso de Jorge Morais Barbosa (1966). Segundo esse autor,

Na Guiné, apesar de se tratar de um território já povoado, a situação, após a chegada e instalação dos metropolitanos, deve ser sido idêntica do ponto de vista linguístico ( à de Cabo-Verde, à de São Tomé e Príncipe): foi a ocupação portuguesa que pôs em contacto indivíduos que falavam umas 17 ou 19 línguas distintas e que, reunidos numa mesma comunidade em virtude da presença dos portugueses, se viram tão impossibilitados de comunicar com estes como entre eles próprios. Estavam, pois, criadas as condições que permitiriam, e até exigiriam, o recurso a um idioma pidginizante, de onde surgiria o crioulo guineense à medida que os contatos se foram acentuando (CUNHA, 1981, p. 43; apud CHAPOUTO, 2014, p.5-6).

Os autores que defendem que o guineense tem a sua origem em Guiné-Bissau assumem que este teria sido descoberto antes de Cabo-Verde (que foi descoberto quando as caravelas regressavam a Portugal). A partir da chegada em Guiné-Bissau, os portugueses, assim que

presentes no território, estabeleceram contatos comerciais com os povos locais. Os lançados e os grumetes foram os intermediários entre os europeus e os nativos e, a partir dessa interação, teria surgido uma língua de contato, um pidgin, que antecedeu o crioulo. Posteriormente, esse crioulo teria sido levado para Cabo-Verde em decorrência das intensas relações comerciais estabelecidas entre esses territórios (cf. COUTO, 1994 apud CHAPOUTO, 2014).

Por fim, na perspectiva de Jean-Louis Rougé (1995 apud SCANTAMBURLO, 1999), essa disputa de pontos de vista sobre a origem do guineense não deveria ser o ponto mais relevante da discussão: “nada permite dizer se o Crioulo de Cabo Verde é que foi africanizado pelos guineenses ou se o da Guiné é que foi desafricanizado pelos cabo-verdianos” (CHAPOUTO, 2014, p.6). Essa mesma direção aponta Scantamburlo (1999 apud CHAPOUTO, 2014) sobre a origem do guineense: “do ponto de vista linguístico, as convergências e as divergências entre o Guineense e o crioulo de Cabo Verde apontam para dois ambientes sociolinguísticos diferentes.” (SCANTAMBURLO, 1999 apud CHAPOUTO, p.6)

Em meio às polêmicas em volta do local onde teria surgido o crioulo (guineense), Chapouto (2014) apresenta as seguintes considerações:

Embora haja alguma polémica quanto ao local onde se terá formado o guineense, é um facto que esta língua tem semelhanças com o crioulo cabo-verdiano de sota-vento, mas apresenta também muitos aspectos diferentes. Além disso, ambos os crioulos existem enquanto diferentes línguas em diferentes espaços geográficos, possibilitando a interação comunicativa dos respetivos falantes (CHAPOUTO, 2014, p. 6).

Segundo Embaló (2008), a língua guineense, desde o seu surgimento, começou a se expandir em todo o território da Guiné-Bissau. A partir dos anos vinte do século XX o guineense começou a ser estigmatizado e a sua utilização acabou por ser interdita pelas autoridades, o mesmo aconteceu com as línguas nativas.

Após a independência, a utilização do guineense generalizou-se, invadindo as próprias administrações conquistando lugares que até aí eram dominados por português, como foi o caso da rádio Nacional. Houve até tentativas de introduzi-lo como língua do ensino, mas as experiências levadas a cabo não deram os resultados esperados por motivos que tem a ver com uma confluência de causas que vão, entre outros, desde uma deficiente preparação dos próprios professores, passando pela falta de materiais didáticos e o fato do guineense apesar de ser língua nacional não ser necessariamente a língua materna dos aprendentes (EMBALÓ, 2008, p. 103).

Como dito acima, o português é a língua oficial, porém, apesar de não ser a língua oficial, o guineense é uma língua do quotidiano e da rua, sendo recorrentemente utilizado nas instituições públicas, em muitos discursos oficiais e até nos debates da própria Assembleia

Nacional (cf. EMBALÓ, 2008). Por outro lado, ao percorrer o território da Guiné-Bissau será possível perceber que o guineense está presente nas capitais das regiões, entretanto, fora dessas capitais, as línguas locais se fazem mais presentes. É importante ressaltar que o português é menos frequente nessas regiões, para não dizer que é quase inexistente.

Conforme Embaló (2008), a língua guineense ainda não possui a sua própria ortografia apesar de já haver tentativas de propostas no passado para sua unificação da feita pelo Ministério da Educação em 1987.

Nesta proposta a ortografia é fonética e com base no alfabeto latino, mas recorrendo aos empréstimos do alfabeto internacional para expressar sons do guineense que não existem na língua portuguesa. A inexistência de uma regulamentação faz com que cada um escreva o guineense à sua maneira, o mesmo vocábulo aparecendo com diferentes grafias. Este facto também é apontado como freio ao desenvolvimento da literatura em língua guineense (EMBALÓ, 2008, p. 103-104).

A discussão sobre as hipóteses de origem do guineense é bastante relevante, pois permite compreender um pouco mais sobre as condições históricas de sua origem. Além disso, é relevante contextualizar o fato de que o guineense é uma língua com estrutura própria e que merece ser vista, descrita e estudada como qualquer outra língua. Para os propósitos deste trabalho de conclusão de curso, o foco será compreender o comportamento do guineense no que diz respeito ao parâmetro *pro-drop*.

### 3 A TEORIA GERATIVA E O PARÂMETRO DO SUJEITO NULO

Este capítulo tem como foco apresentar um breve histórico da Teoria Gerativa, pois este trabalho de conclusão de curso está inserido nessa perspectiva teórica.

#### 3.1 BREVE HISTÓRICO DA ORIGEM DA TEORIA GERATIVA

A Teoria Gerativa teve o seu início na década de 1950 com o trabalho de Noam Chomsky, linguista norte-americano. Essa teoria apresentada pelo pesquisador teve como objeto de estudo da representação mental do conhecimento de uma língua por parte de um indivíduo, o que ele denominou de língua-I – língua interna e individual (cf. SILVA, 2006). A Teoria Gerativa configura-se como um programa de pesquisa que vem passando por revisões e tenta entender o funcionamento da cognição humana.

Conforme Kenedy (2008), na primeira metade do século XX, a teoria behaviorista, proposta por Burrhus Frederic Skinner, dominava os estudos sobre a linguagem humana. Na concepção do behaviorismo, a linguagem humana era interpretada como um condicionamento social construído a partir de estímulos e respostas. “Para os behavioristas, a linguagem humana é exatamente o que descreveu Bloomfield: um fenômeno externo ao indivíduo, um sistema de hábitos, gerado como resposta a estímulos e fixado pela repetição.” (KENEDY, 2008, p. 128).

De acordo com Kenedy (2008), após dois anos do lançamento do livro *Comportamento Verbal* (Verbal Behavior) escrito por Skinner, Chomsky apresentou uma dura crítica a esse livro e chamou a atenção para o fato de que o indivíduo humano age criativamente no uso da linguagem e tem a capacidade de produzir sentenças novas que nunca tinha ouvido antes; essa criatividade, apontada por Chomsky, é o que difere a linguagem humana do restante da comunicação animal (KENEDY, 2008).

A capacidade humana de falar e entender uma língua (pelo menos), isto é, o comportamento linguístico dos indivíduos, deve ser compreendido com o resultado de um dispositivo inato, uma capacidade genética e, portanto, interna ao organismo humano (e não completamente determinada pelo mundo exterior, como diziam os behavioristas), a qual deve estar fincada na biologia do cérebro/mente da espécie e é destinada a construir a competência linguística de um falante. Essa disposição inata para a competência linguística é o que ficou conhecido como *Faculdade de Linguagem* (KENEDY, 2008, p. 129).

A teoria behaviorista, conforme Aruda Júnior (2015), assumiu o comportamento como o mais adequado objeto de estudo e também como a forma de explicar o modo como os seres

humanos aprendem a linguagem. A partir dessa perspectiva teórica, a linguagem é vista como um fenômeno externo ao indivíduo e os eventos psicológicos e comportamentais foram considerados os mais estudados para entender a linguagem; dessa forma, os eventos mentais foram deixados de lado. A teoria gerativa colocará em discussão essa proposta comportamentalista e defenderá a proposta inatista segundo a qual os seres humanos são dotados geneticamente para desenvolver a linguagem.

A Faculdade da Linguagem pode ser pensada como uma característica mental que difere os seres humanos dos demais seres vivos (cf. KENEDY, 2008). Os gerativistas têm como missão “construir um modelo teórico capaz de descrever e explicar a natureza dessa Faculdade, o que significa procurar compreender um dos aspectos mais importantes da mente humana.” (KENEDY, 2008, p. 130).

Os seres humanos são habilitados com uma competência linguística (conhecimento linguístico). Essa competência linguística permite, por exemplo, reconhecer a gramaticalidade ou agramaticalidade de uma sentença. Além de extremamente criativos na formulação de novas sentenças nunca ouvidas, os indivíduos são capazes de identificar uma sentença que não obedece às regras gramaticais (regras de funcionamento) de sua língua. O uso em prática desse conhecimento (dessa competência) denomina-se desempenho (ou performance) linguístico.<sup>2 3</sup>

No início da Teoria Gerativa, essa competência linguística, dada geneticamente aos seres humanos, era entendida como um conjunto de regras específicas. Após os anos de 1980, a competência linguística passou a ser compreendida não apenas como um conjunto de regras, mas como um conjunto de propriedades que são compartilhadas por todas as línguas do mundo; é o que ficou conhecido como Gramática Universal (cf. KENEDY, 2008).

Dada a existência de diferentes línguas no mundo, surgem questões para o conceito de “Faculdade da Linguagem”: se todos os seres humanos são habilitados com a faculdade da linguagem, como cada língua organiza de modo diferente suas estruturas? E o que existe de semelhante entre as línguas? É necessário descrever o que seria essa Faculdade da Linguagem.

---

<sup>2</sup> Gramaticalidade: uma sentença poder ser considerada gramatical quando obedece às regras de funcionamento de uma língua. Agramaticalidade: uma sentença agramatical não obedece às regras de funcionamento da língua. A agramaticalidade é marcada com o sinal “\*”. A sentença em (1) abaixo é agramatical porque no guineense o numeral precede o nome.

(1) \*Aonti mininus dus kuriba na festa.

‘Ontem meninos dois correram na festa’

(2) Aonti dus mininus kuriba na festa.

‘Ontem dois meninos correram na festa’

<sup>3</sup> Neste trabalho, a expressão “regras gramaticais” é utilizada para definir as regras de funcionamento de uma língua.



Para dar conta dessa aparente contradição entre a hipótese da Faculdade da Linguagem e as milhares de línguas existente do planeta, os linguistas da corrente gerativa vêm elaborando teorias que procuram explicar o funcionamento da linguagem da mente das pessoas (KENEDY, 2008, p. 130).

Muitos pesquisadores têm trabalhado considerando a perspectiva da teoria gerativa, que passou por reformulações e refinamentos desde sua criação. Chomsky propôs o modelo teórico que já passou por reformulações: a primeira fase é a Gramática como Sistema de Regras, conhecida como Gramática Transformacional; e um segundo momento é a Gramática Universal: Princípios e Parâmetros. Mais recentemente, considerando os estudos em genética (a descoberta, por exemplo, do gene FOXP2 e do seu papel para a linguagem), a Teoria Gerativa começou a discutir com mais detalhes o aspecto genético da linguagem e sua origem na espécie humana em comparação com outros animais. (cf. KENEDY, 2008, p, 131).

Dentre as fases da Teoria Gerativa, este trabalho leva em consideração o momento conhecido como Princípios e Parâmetros.

### **3.1.1 A Gramática Universal: Princípios e Parâmetros**

Antes dos anos de 1980, conforme Kenedy (2008), tinha-se a ideia de que a competência linguística configurava-se como um sistema de regras específicas. Após os anos de 1980, esse conceito inicial foi repensado e passou-se a discutir o conceito de Gramática Universal (GU) como um conjunto mais geral de propriedades comuns a todas as línguas.

No início dos anos 80 a ideia da competência linguística como um sistema de regras específicas cedeu lugar à hipótese da Gramática Universal (GU) que tornou o objeto do estudo dos gerativistas. Deve-se entender por GU o conjunto das propriedades gramaticais compartilhadas por todas as línguas naturais, bem como as diferenças entre elas que são previsíveis segundo o leque de opções disponíveis na própria GU (KENEDY, 2008: 136).

Para Kenedy (2008), a hipótese da Gramática Universal representa um refinamento da noção de Faculdade da Linguagem.

A hipótese da GU representa um refinamento da noção Faculdade da Linguagem, sustentada pelo gerativismo desde o seu início: a Faculdade da Linguagem é o dispositivo inato presente em todos os seres humanos, como herança biológica, que nos fornece um algoritmo, isto é, um sistema gerativo, um conjunto de instruções passo-a-passo, como as inscritas num programa de computador, no qual nos torna aptos para desenvolver (ou adquirir) a gramática de uma língua. Esse algoritmo é a GU. (KENEDY, 2008, p.135)

A Gramática Universal pode ser definida como o princípio comum de todas as línguas naturais. De acordo com Raposo (1992, apud Silva, 2006), a GU pode ser entendida como um órgão biológico. Nessa perspectiva, esse órgão se desenvolve até poder dar conta dos conhecimentos de um falante sobre a sua língua.

Dada a necessidade de entender o funcionamento da GU, os teóricos da corrente gerativista formularam a teoria chamada de Princípios (características presentes em todas as línguas) e Parâmetros (aspectos que diferenciam uma língua da outra). Essa fase do gerativismo pode ser compreendida em dois momentos distintos: (i) a primeira fase aconteceu na década de 1980 e é conhecida por Teoria da Regência e da Ligação (TRL); (ii) a segunda fase seria o Programa Minimalista, que teve o seu início nos anos de 1990 (cf. KENEDY, 2008).

Para a Teoria Gerativa, segundo Gardner (1985 apud Silva, 2006), as sentenças das línguas são organizadas por um conjunto de princípios (regras) universais, assemelhando-se ao funcionamento de um sistema computacional, que realiza operações com um conjunto finito de elementos.

A partir da formulação da teoria de Princípios e Parâmetros pelos gerativistas, os estudos da variação e mudança linguísticas conheceram novas perspectivas e as línguas naturais começaram a ser analisados de acordo com os Princípios Universais e Parâmetro.

Desde 1981, quando Chomsky propôs o modelo da gramática baseado em princípios e parâmetros, os estudos da variação e mudanças linguísticas, no âmbito da Teoria Gerativa, tomaram novos rumos. Entretanto, as línguas naturais passaram a ser analisadas em termos de Princípios Universais, responsáveis pelo que há de semelhante entre as línguas e Parâmetros, responsáveis pela variação, isto é, pelo que as diferencia (LAPERUTA, 2004, p.141-142).

Ao assumir a GU como um conjunto de propriedades (princípios) compartilhadas pelas línguas, assume-se também que, de alguma forma as diferenças entre as línguas são possíveis apenas dentro de um rol de propriedades disponibilizadas pela própria GU.

Desse modo, a teoria gerativa assume uma nova fase e muitas pesquisas são desenvolvidas dentro da perspectiva de Princípios e Parâmetros. Conforme Laperuta (2004), considerando os estudos dos parâmetros linguísticos, um dos fenômenos que têm sido foco do interesse dos pesquisadores e das descrições realizadas é a possibilidade de não realização fonética do sujeito. Isso foi denominado de parâmetro *pro-drop*, ou parâmetro do sujeito do sujeito nulo.

### 3.1.2 O parâmetro *pro-drop*

A possibilidade de uma língua poder ter o sujeito realizado ou omitido foneticamente, conhecida como parâmetro *Pro-drop*, segundo Duarte (1995), é uma das temáticas dentro da teoria gerativa que tem recebido muitas contribuições e também passado por reformulações ou refinamentos, assim como a própria teoria gerativa tem mudado desde sua apresentação oficial na década de 1950.

Segundo Silva (2006), as línguas podem apresentar morfologia mais “rica”, por exemplo quando no verbo há marcas morfológicas de pessoa do discurso. Nas sentenças em (1) e (2) há no verbo “cantamos” marca de pessoa em “-mos”; ou “pobre”, por exemplo, quando no verbo não há marca de pessoa do discurso; sentença em (3) e (4), no verbo “sang” não há marca de pessoa.

(1) (Nós) cantamos na festa ontem.

(2) (Eles) cantaram na festa ontem.

(3) We sang at the party yesterday.

(4) They sang at the party yesterday.

Uma morfologia “rica”, conforme Silva (2006), é capaz de licenciar o sujeito nulo, pois o apagamento do sujeito nesses casos é autorizado pela marca de concordância presente no verbo. Considerando essa afirmação, no exemplo (1) acima, o pronome “nós” na posição de sujeito poderia ser omitido foneticamente. De acordo com a autora, o fenômeno do sujeito nulo pode acontecer em algumas línguas românicas, como o italiano, por exemplo, que tem uma morfologia verbal “rica”.

Segundo Chomsky (1981, apud SILVA, 2006) é possível assumir a existência do parâmetro do sujeito nulo a partir de um conjunto de propriedades de natureza sintática. Para Chomsky (1981, apud SILVA, 2006) cinco propriedades poderiam caracterizar o parâmetro *pro-drop*: (i) sujeito nulo pronominal; (ii) inversão livre do sujeito; (iii) movimento wh “longo” do sujeito; (iv) pronome lembrete nulo em orações encaixadas (subordinadas); (v) aparente violação do filtro “that - trace”. Essas propriedades estariam presentes em línguas com marcação positiva para o parâmetro *pro-drop*, mas não estariam presentes nas línguas com marcação negativa para o *pro-drop*.

A partir das sentenças em italiano e inglês apresentadas a seguir, retiradas de Silva (2006) e Freitas (2010), destaca-se uma lista de propriedades levantadas por Chomsky (1981 apud SILVA, 2006) que permitem o apagamento do pronome em posição de sujeito.

(i) **Sujeito nulo pronominal:** possibilidade de apagamento do pronome na posição de sujeito.

(5) \_\_\_\_Ho trovato il libro. (CHOMSKY, 1981, apud SILVA, 2006, p. 20)

“Eu encontrei o livro”

(ii) **Inversão livre do sujeito:** “o sujeito pode ocupar uma posição pós-verbal nas línguas *pro-drop*” (FREITAS, 2010, p. 14).

(6)

(a) Ha mangiato Giovanni. (CHOMSKY, 1981 apud FREITAS, 2010, p.14)

(b) \*Has eaten John. (CHOMSKY, 1981 apud FREITAS, 2010, p.14)

“ Comeu o João.”

Conforme Freitas (2010), ao se considerar construções como sentenças compostas por mais de uma oração, por exemplo, orações subordinadas substantivas subjetivas, quando há movimento da oração substantiva subjetiva para uma posição final, a posição inicialmente preenchida permanece vazia nas línguas *pro-drop* (ver o contraste entre as sentenças (8a) e (8b); por outro lado, essa posição deverá ser preenchida por um pronome em línguas não *pro-drop* (ver contraste entre as sentenças (8c) e (8d). Esses pronomes que ocupam essas posições que não podem permanecer vazias em línguas não *pro-drop* são os pronomes expletivos.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Grosso modo, segundo Mioto (2013), um pronome expletivo poderia ser definido como aquele que não possui um valor semântico, mas que desempenha um papel sintático. Por exemplo, na sentença em inglês “It rains” (“\_\_ chove”), o pronome “it” desempenha papel sintático de sujeito, mas sem valor semântico.

Sujeito não referencial ou expletivo, grosso modo, é o que a gramática tradicional costuma denominar “oração sem sujeito”. Os exemplos abaixo, retirados de Duarte (2003, p. 1-2), ilustram a ocorrência de sujeitos expletivos nulos em português e sujeitos expletivos plenos em inglês.

(1) Sentenças impessoais que indicam fenômeno da natureza:

(a) \_\_ Chove.

(b) **It** rains.

(2) Sentenças com leitura existencial:

(a) \_\_ Tem muita gente na praça.

(b) **There** is a lot of people in the square.

(3) Em estrutura com verbo de alçamento:

(a) \_\_ Parece que as crianças comeram o bolo.

(7)

(a) Che Louisa non partirá é chiaro. (GONÇALVES, 2004, apud FREITAS, 2010, p. 14)

(b) That Louise will not leave is clear. (GONÇALVES, 2004, apud FREITAS, 2010, p. 14)

“ Que a Luísa não partirá é claro”

(8)

(a) \*Ció é chiaro che Louisa non partirá. (GONÇALVES, 2004, apud FREITAS, 2010, p. 14)

(b) É chiaro che Louisa non partirá. (GONÇALVES, 2004, apud FREITAS, 2010, p. 14)

(c) It is clear that Louise will not leave. (GONÇALVES, 2004, apud FREITAS, 2010, p. 14)

(d) \* Is clear that Louise will not leave. (GONÇALVES, 2004, apud FREITAS, 2010, p. 14)

“É claro que Luísa não partirá”

(iii) **Movimento longo de qu- (sujeito)**

(9)

(a) L' uomo [chei mi domando [chi \_\_\_\_i abbia visto]]. (CHOMSKY, 1981 apud SILVA, 2006, p. 21)

(b) \*The man*i* that I wonder who \_\_\_\_*i* saw. (CHOMSKY, 1981 apud Freitas 2010, p.15)

“O homem que me pergunto quem ele viu”

(iv) **Pronome lembrete nulo em orações encaixadas (subordinadas)**

(10)

(b) **It** seems that the children ate the cake.

(4) Em construções apresentativas:

(a) \_\_ Apareceu um lobo.

(b) **There** appeared a wolf.

Verbos de alçamento, conforme Henriques e Duarte (2005), não projetam um argumento externo, mas projetam um argumento interno na forma de um sintagma oracional. Essa oração tem sua posição fixa após o verbo. De acordo com os autores, as gramáticas tradicionais tratam essa sentença como uma oração subordinada substantiva subjetiva (função de sujeito). O termo “alçamento” diz respeito ao fato de que verbos como “parecer”, “por apresentarem uma posição vazia à sua esquerda, permitem que o sujeito da oração encaixada /subordinada seja ‘alçado’ para tal posição.” (HENRIQUES; DUARTE, 2005, p. 1). Os exemplos a seguir são de Henriques e Duarte (2005).

(5) Tem ocasiões que nem \_\_ **parece** [que (eu) **sou** brasileiro].(6) Tem ocasiões que **eu** nem **pareço** [ \_\_ **ser** brasileiro].(7) Tem ocasiões que **eu** [ não \_\_ **parece** [que \_\_ **sou** brasileiro].(8) Tem ocasiões que \_\_ nem **pareço** [**que** \_\_ **sou** brasileiro].(9) Tem ocasiões que **eu** nem **pareço** [**que** (eu) **sou** brasileiro].

(a) Ecco la ragazzai [che mi domando [chi crede [che \_\_\_\_i possa SV]]]. (CHOMSKY, 1981 apud SILVA, 2006, p. 21)

(b) \*This is the girli [who I wonder [who thinks that \_\_\_\_i may SV]]] (FIGUEIREDO SILVA, 1996 apud FREITAS, 2010, p. 15)

(c) This is the girli [who I wonder [who thinks that shei may SV]]] (FIGUEIREDO SILVA, 1996 apud FREITAS, 2010, p. 15)

“Esta é a menina que eu me pergunto que acredita que (*ela*) possa SV”

**(v) Aparente violação do filtro “that trace”:** o filtro “that trace” não permite que o sujeito saia de sua posição e se movimente passando para uma posição acima de um complementador realizado lexicalmente (CHOMSKY, 1981 apud FREITAS, 2010).

(11)

(a) Chii credi [che \_\_\_\_i partirá]. (CHOMSKY, 1981 apud FREITAS, 2010, p. 15)

(b) \*Whoi do you think that \_\_\_\_i will leave?

Nas línguas marcadas positivamente *pro-drop* é possível o movimento do sujeito para de uma posição de dentro de uma sentença encaixada para uma posição acima de um complementador. “Nas línguas não-*pro-drop*, o movimento do sujeito será permitido somente se o complementador for elidido ou se ocorrer uma regra morfológica, como em francês, que reescreve o complementador ‘que’ junto com o traço do movimento do elemento QU – como ‘qui’ (a regra ‘que qui’).” (FREITAS, 2010, p. 15)

(12)

(a) Whoi do you think Ø \_\_\_\_i will leave? (FIGUEIREDO SILVA, 1996 apud FREITAS, 2010, p. 15)

“Quem você pensa que partirá?”

(b) Qui penses-tu qui est sorti? (FIGUEIREDO SILVA, 1996 apud FREITAS, 2010, p. 16)

(c) \*Qui penses-tu que est sorti? (FIGUEIREDO SILVA, 1996 apud FREITAS, 2010, p. 16)

“Quem que você pensa que saiu?”

É importante lembrar que línguas como o inglês, que marcam negativamente o parâmetro *pro-drop* não apresentam essas propriedades (CHOMSKY, 1981, apud VERÍSSIMO, 2017). Outras propriedades, além das cinco elencadas acima, podem ser

relacionadas com o parâmetro *pro-drop*. (ver, por exemplo, FREITAS 2010). Algumas dessas propriedades são elencadas a seguir.<sup>5</sup>

**(i) Concordância à direita em construção com cópula:** “nesses casos, as línguas *pro-drop* permitem a atribuição de Caso Nominativo à direita, o que não é possível para as línguas não-*pro-drop*.” (FREITAS, 2010, p.16)

(13)

(a) Sono io. (sono: 1ª pessoa do singular) (COSTA, 2010 apud FREITAS, 2010, p.16)

(b) It'me. (me: 1ª pessoa do singular) (COSTA, 2010 apud FREITAS, 2010, p.16)

“Sou eu”

(14)

(a) Sono io.

(b) \*It is I.

(c) It is me.

**(ii) A relação de complementaridade entre o uso dos sujeitos nulos e plenos.** Considerando as situações de sentenças compostas por mais de uma oração, se um pronome aparece realizado foneticamente a referência desse pronome deverá ser disjunta (diferente) em relação ao sujeito da outra oração; se o pronome aparece e a referência não é disjunta em relação ao sujeito da outra oração, a sentença é agramatical (cf. FREITAS, 2010). “O uso do pronome só será facultado se a identificação do referente do sujeito estiver comprometida.” (FREITAS, 2010, p.)

(15)

(a) Quando Carloi ha picchiato Antonioj *proi* era ubriaco. (DUARTE, 1995 apud FREITAS, 2010, p. 16)

“Quando Carlos bateu em Antonio *pro* (Carlos) estava bêbado”

(b) Quando Carloi ha picchiato Antonioj luij era ubriaco. (DUARTE, 1995 apud FREITAS, 2010, p. 16)

“Quando Carlos bateu em Antonio ele (Antonio) estava bêbado”

---

<sup>5</sup> Os itens de (i) a (vi) listados abaixo foram retirados de Freitas (2010).

(c) \*Quando Carloi ha picchiato Antonioj luii era ubriaco.

“Quando Carlos bateu em Antonio *pro* (Carlos) estava bêbado”

(16)

(a) Marioi si è spaventato dopo che *proi* ha visto quel film. (DUARTE, 1995 apud FREITAS, 2010, p. 16)

“Mário se assustou depois que *pro* assistiu aquele filme.”

(b) \*Marioi si è spaventato dopo che luii ha visto quel film.

“Mario se assustou depois que ele viu o filme.

(17)

(a) Carloi è entrato. Marioj se è alzato. *proj* ha parlato. (DUARTE, 1995 apud FREITAS, 2010, p. 17)

=“Carlos entrou. Mário levantou-se. (Mário) falou.”

(b) \*Carloj è entrato. Marioj se è alzato. *proi* ha parlato. (DUARTE, 1995 apud FREITAS, 2010, p. 17)

“Carlos entrou. Mário levantou-se. (Carlos) falou.”

**(iii) Sujeitos com o traços semântico [- animado] são obrigatoriamente nulos.** No exemplo (18) o sujeito da segunda sentença é nulo porque possui o traço menos animado. Nesse exemplo, o referente é o mesmo da primeira sentença.

(18) [La casa di Josè]i è nuova. *proi* è stata costruita da suo padre l'anno scorso. (FREITAS, 2010, p. 17)

“A casa de José é nova. (*A casa*) Foi construída por seu pai no ano passado.”

**(iv) Construções de duplo sujeito e de deslocamento à direita não são permitidas.** Em línguas que marcam positivamente o parâmetro *pro-drop*, não é possível construções sentenciais que tenham duplo sujeito ou que tenham deslocamento de sujeito à direita.

(19) \*Marioi , luii è uscito presto stamattina. (DUARTE, 1995 apud FREITAS, 2010, p. 17)

“Mário , ele saiu cedo esta manhã.”

(20) \*Lui è uscito presto stamattina, Gianni. (DUARTE, 1995 apud FREITAS, 2010, p. 17)



“Ele (*João*) saiu cedo esta manhã, o João”

**(v) O sujeito nulo é obrigatório quando se tratar de estruturas com correferência.**

“Estruturas com correferência, assim como as encaixadas com sujeitos acessíveis no discurso precedente (quando não há risco de ambiguidade), têm sujeito nulo obrigatório.” (FREITAS, 2010, p. 17).

(21)

(a) Mentre il dottore visitava Maria incita canticchiava.

(b) Mentre il dottore*i* visitava Maria incita *proi* canticchiava. (DUARTE, 1995 apud FREITAS, 2010, p. 17)

“Enquanto o doutor estava visitando Maria grávida \_\_\_ (*o doutor*) cantarolava”.

(c) \*Mentre il dottore*i* visitava Maria incita lei*i* canticchiava. (DUARTE, 1995 apud FREITAS, 2010, p. 17)

“Enquanto o doutor estava visitando Maria grávida ele (*o doutor*) cantarolava”.

(d) \*Mentre il dottore visitava Maria*aj* incita *proj* canticchiava. (DUARTE, 1995 apud FREITAS, 2010, p. 17)

“Enquanto o doutor estava visitando Maria grávida \_\_\_ (*Maria*) cantarolava”.

(e) Mentre il dottore*i* visitava Maria incita lei*j* canticchiava. (DUARTE, 1995 apud FREITAS, 2010, p. 17)

“Enquanto o doutor estava visitando Maria grávida ela (*Maria*) cantarolava”.

**(vi) O sujeito deve ser nulo em sentenças onde há ligação com sintagmas quantificados.**

Quando em uma sentença houver a relação de ligação entre pronome e expressões quantificadas (exemplo: todo, cada, ninguém, etc), o sujeito nulo é obrigatório.

(22) Nessuno*i* pensa che \_\_\_*i* sia sciocco. (GONÇALVES, 2004 apud FREITAS, 2010)

“Ninguém acha que é tolo.”

Como dito acima, estabeleceu-se uma relação entre a possibilidade de sujeito nulo e uma morfologia verbal “rica”. Entretanto, conforme Huang (1984 apud SILVA, 2006), no chinês, que tem uma morfologia verbal “pobre” (o paradigma verbal nessa língua não possui marcas de modo, tempo, número e pessoa) é possível encontrar sujeito nulo. Desde então, novas

hipóteses tiveram que ser levantadas no que diz respeito ao licenciamento do sujeito nulo (SILVA, 2006).

Assumindo exemplos de línguas como o chinês, é possível dizer o que licencia o apagamento do sujeito nulo; de acordo com Jaeggli e Safir (1989 apud SILVA, 2006), é um paradigma uniforme, constituído de formas “derivadas” (que são as desinências) ou “não derivadas” (que são os radicais), que licencia o sujeito nulo. Um paradigma morfológico, seja “rico” ou “pobre”, não seria o responsável pelo apagamento do sujeito (cf. JAEGGLI; SAFIR, 1989 apud SILVA, 2006, p.22).

Se o paradigma for misto, o sujeito deverá ser sempre realizado. Isso explicaria o porquê de o italiano e o chinês serem línguas de sujeito nulo (o primeiro contém formas derivadas para todas as pessoas, o segundo não possui formas derivadas), enquanto o inglês não o é. (DUARTE, 1995 apud FREITAS, 2010, p.19).

Segundo Silva (2006), as línguas românicas, como por exemplo o italiano e espanhol, têm uma porcentagem muito grande de sujeitos não realizados. Os sujeitos são preenchidos nessas línguas apenas quando se quer desfazer uma ambiguidade ou dar a ênfase.

Dada a existência de uma opção pronominal zero, em línguas como o italiano, as línguas como italiano, a forma expressa será limitada aos casos nos quais é necessária, isto é, quando o sujeito pronominal, tendo o valor focal ou contrastivo, deve ser enfatizado (evidentemente um valor nulo não pode indicar ênfase) (RIZZI, 1988 apud SILVA, 2006. p.22)

Em línguas românicas com marcação positiva para o parâmetro *pro-drop*, o sujeito seria uma obrigação (ver RIZZI, 1988 apud SILVA, 2006).<sup>6</sup> Segundo Duarte (1995, p. 29), “a opção parece ficar por conta do uso do pronome pleno quando a interpretação estiver comprometida”

[...] fica claro que a existência de um paradigma de concordância verbal rico não é suficiente para que uma língua licencie o sujeito nulo, haja vista haver línguas com uma morfologia rica de flexão verbal que não permitem sujeitos nulos, como é o caso do alemão; do mesmo modo que existem línguas que não possuem morfemas verbais de concordância, mas licenciam os sujeitos nulos, a exemplo do Chinês. Há ainda casos como o do hebraico, língua que permite os sujeitos nulos apenas em determinadas pessoas e tempos verbais, nos quais há uma morfologia característica (cf. DUARTE, 1995; GONÇALVES, 2004 apud FREITAS, 2010, p. 19).

---

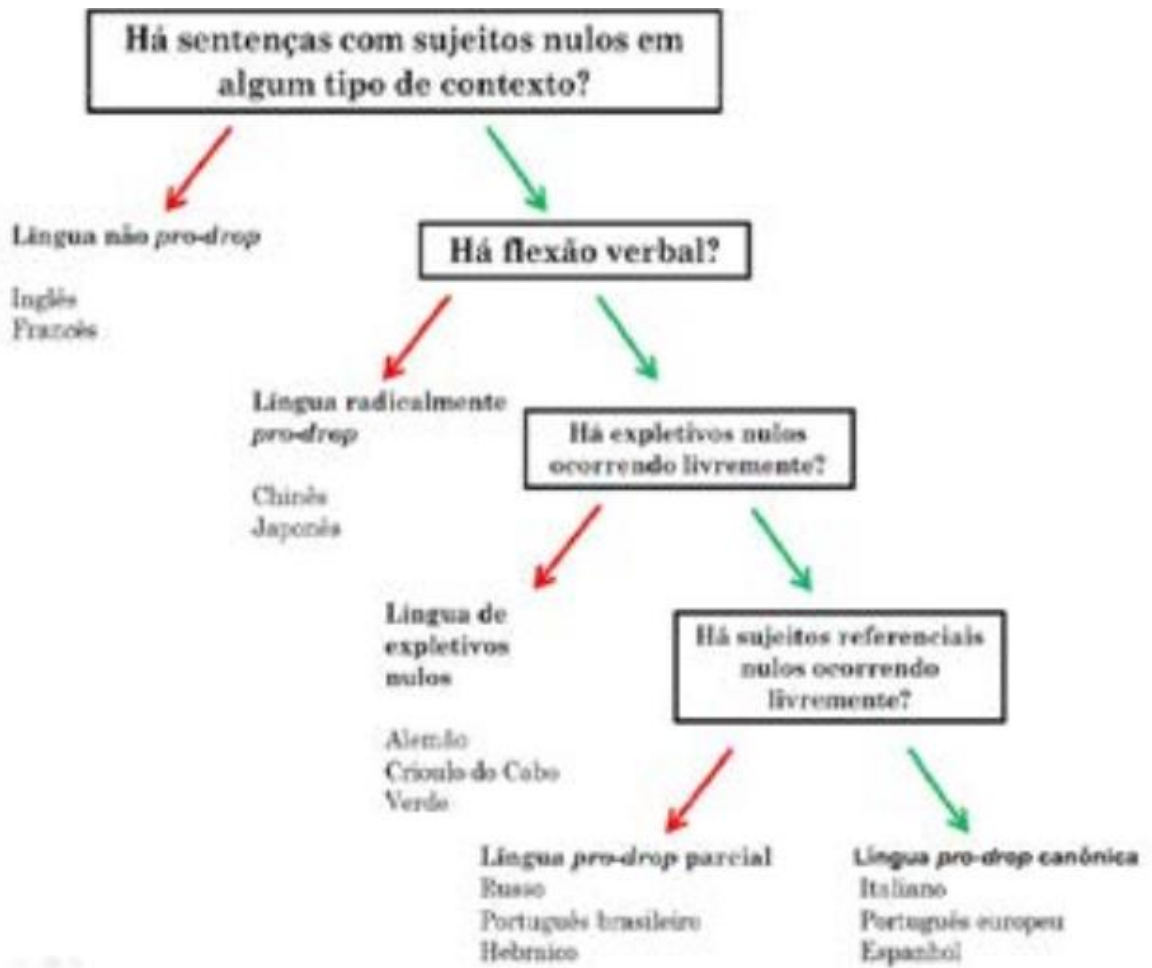
<sup>6</sup> Há línguas que podem apresentar um parâmetro parcial para a presença do sujeito nulo (ou para a presença de sujeito obrigatório). Duarte (1995) apresenta a hipótese de que o português brasileiro perdeu o Princípio “Evite Pronome”, indo em direção às línguas [- sujeito nulo] ou [- *pro-drop*], ou seja, rumo a uma língua de sujeito pleno. Galves (1985 apud VERÍSSIMO, 2017) “apresenta a hipótese de haver um sistema *pro-drop* ‘parcial’ sem que esse seja necessariamente um estágio de transição para uma configuração não *pro-drop* [...]” (VERÍSSIMO, 2017, p.88)

Diante da existência de sistemas “mistos” para a marcação do parâmetro *pro-drop* é possível pensar em um espectro de possibilidades de marcação do sujeito nulo (HOLMBERG; ROBERTS, 2009 apud VERÍSSIMO, 2017).

- Línguas canonicamente *pro-drop*: como o italiano, o grego e o turco, nas quais há uma morfologia verbal rica o suficiente para possibilitar a ampla ocorrência de sujeitos nulos em todas as pessoas gramaticais e em contextos variados;
- Línguas parcialmente *pro-drop*: como o hebraico, russo, finlandês e português brasileiro, nas quais os sujeitos sem referência definida tendem a ser nulos, mas há fortes restrições à ocorrência de sujeitos nulos referenciais;
- Línguas radicalmente *pro-drop*: línguas que permitem sujeitos nulos livremente e não apresentam qualquer tipo de marca verbo-flexional indicativa de concordância, como o chinês, japonês, tailandês e vietnamita;
- Línguas de expletivos nulos: são as línguas nas quais não há a possibilidade de sujeitos nulos referenciais, mas permitem [apenas] expletivos nulos, tais como o alemão, holandês e o crioulo do Cabo Verde. (VERÍSSIMO, 2017, p. 83)

É importante considerar nesse espectro as línguas de sujeito obrigatório (as línguas marcadas negativamente para o parâmetro *pro-drop*). Segundo Veríssimo (2017), é possível organizar esse espectro apresentado acima no esquema da Figura (2). Conforme o autor, as setas em vermelho são respostas negativas para as perguntas apresentadas nos retângulos; as setas em verdes são as respostas positivas.

**Figura 2** - Possibilidades de marcação do sujeito nulo segundo Veríssimo (2017)



Fonte: Veríssimo (2017, p. 84)

Uma vez apresentadas algumas propriedades que poderiam caracterizar o parâmetro *pro-drop*, o capítulo a seguir apresentará o comportamento de dados do guineense perante essas propriedades.

## 4 O PARÂMETRO *PRO-DROP* E O GUINEENSE

Este capítulo objetiva apresentar algumas considerações sobre os dados do guineense levando em conta as propriedades relacionadas ao parâmetro *pro-drop* elencadas no Capítulo (3) deste trabalho.

### 4.1 O PARADIGMA PRONOMINAL DO GUINEENSE E O PARÂMETRO *PRO-DROP*

Nicolis (2008 apud VERÍSSIMO, 2017), a partir da análise de nove línguas crioulas, defende que, nessas línguas a ausência do efeito *that-t* relaciona-se à possibilidade de ocorrência de expletivos nulos. Nicolis (2008 apud VERÍSSIMO, 2017) ao apresentar o comportamento de algumas línguas crioulas no que diz respeito a propriedades relacionadas ao parâmetro *pro drop*, defende que essas poderiam ser vistas como “parcialmente” de sujeito nulo, ou seja, não apresentam a totalidade das propriedades. No caso do guineense, segundo o autor, não existe uma morfologia “rica”, não apresenta sujeito referencial nulo, mas pode apresentar sujeito expletivo nulo.

Castro (2012) afirma que o guineense “é uma língua do tipo SVO [ordem Sujeito-Verbo-Objeto], de [- sujeito nulo] e [- objeto nulo]. Os verbos não possuem desinências e assim, a expressão do sujeito é obrigatória.” (CASTRO, 2012, p. 313).

Segundo Castro (2012), no guineense é possível identificar os pronomes livres e os clíticos, que muitas vezes podem coocorrer na mesma oração. De acordo com a autora, o exemplo (23) ilustra esse caso.

(23)

(a) Ami n kume fjon.

(CASTRO, 2012, p. 313)

Ami n kume fjon.

1SG 1SG comer feijão

“Eu comi feijão”

Para compreender o comportamento do guineense em relação ao parâmetro *pro-drop*, é relevante abordar um pouco sobre os marcadores verbais nessa língua. Por exemplo, os verbos na forma finita do português apresentam flexões de tempo, modo, aspecto, pessoa e número tanto nos tempos simples como nos tempos compostos. No guineense, por sua vez, a flexão

verbal é “fraca” e é reconhecida apenas nos sujeitos realizados, que marcam a pessoa do discurso (INTUMBO, 2007).

É possível pensar na Tabela (3) para sintetizar o paradigma pronominal do guineense no que diz respeito ao sujeito.

**Tabela 3** - Pronomes no guineense - paradigma flexional

<b>Pessoa/ Número</b>	<b>Pronome</b>	<b>Pronome</b>	<b>Verbo</b>
1ª singular	Ami'	n	kanta
2ª singular	Abo	bu	kanta
3ª singular	El	i	kanta
1ª plural	Anos	no	kanta
2ª plural	Abos	bo	kanta
3ª plural	Elis	e	kanta

Fonte: O autor

Nota-se que, no guineense, o sistema pronominal apresenta um paradigma com 06 formas distintas, duas para cada pessoa do discurso. As primeiras formas, apresentadas na segunda coluna da Tabela (3) (ami, abo, el, anos, abos, elis), são mais fortes e sempre são acompanhadas da segunda forma no discurso. Raros são os casos em que podem aparecer sozinhas (casos em que a construção é realizada com a concordância à direita em construção com a cópula “I ami”, que quer dizer “sou eu”). Por outro as formas da terceira coluna da tabela (n, bu, i, no, bo, e), consideradas fracas, podem aparecer sozinhas no discurso sem ser acompanhadas da primeira. Outro fato importante é que o sistema pronominal guineense não apresenta flexão do gênero.

De acordo com Intumbo (2007),

o português distingue entre os tempos verbais simples e compostos: Os tempos verbais simples são formados aglutinando os sufixos aspecto-temporais os radicais dos verbos. Os tempos compostos são conjugados com o recurso a verbos auxiliares, que

recebem as marcações pessoa-número e de aspecto-tempo, combinados com o verbo principal no particípio passado (INTUMBO, 2007, p.56)

Segundo Intumbo (2007), o sistema aspecto-temporal pode ser resumido da seguinte forma: o verbo não apresenta marca morfológica e pode indicar o tempo presente ou passado; ou ainda o modo imperativo (cf. PECK, 1988 apud INTUMBO, 2007).

(24)

(a) N **skirvi** nha tarbadju di konkluson di kursu.

N **skirvi** nha tarbadju di konkluson di kursu

1SG escrever meu trabalho de conclusão de curso

(a') "Eu escrevo meu trabalho de conclusão de curso"

(a'') "Eu escrevi meu trabalho de conclusão de curso"

A sentença (24a) pode ter as leituras disponíveis presentes em (24a') e (24a''). A leitura de passado é a preferencial. Caso não haja na sentença um advérbio expresso (por exemplo "aonti", ontem), o que definirá o tempo da sentença é o contexto.

O verbo pode vir precedido da partícula "na". A sentença terá a leitura de aspecto progressivo (AP), quando o verbo vier acompanhado pela partícula "na" e o "sta" (estar), exemplos em (25); a sentença (25b) é agramatical. A sentença poderá ter leitura de referência a um futuro não definido ou a um futuro próximo, exemplo (26a), quando o verbo vier acompanhado da partícula "na" sem o "sta". A sentença poderá ter leitura de referência a um futuro próximo definido, exemplo (27a), quando o verbo vier acompanhado da partícula "na", sem o "sta" e houver a presença, por exemplo, da expressão "djanan" (agora, neste momento), que marca proximidade do evento.

(25)

(a) N sta **na** skirvi nha tarbadju di konkluson di kursu. (leitura progressiva)

N sta **na** skirvi nha tarbadju di konkluson di kursu.

1SG estar partícula escrever meu trabalho de conclusão de curso

"Estou a escrever o meu trabalho de conclusão de curso"

(b) \*N sta skirvi nha tarbadju di konkluson di kursu.

(26)

(a) N **na** skirvi nha tarbadju di konkluson di kursu. (leitura de futuro não definido/ futuro próximo)

N **na** skirvi nha tarbadju di konkluson di kursu.

1SG partícula escrever meu trabalho de conclusão de curso

“Escreverei meu trabalho de conclusão de curso.”

(27)

(a) N na skirvi nha tarbadju di konkluson di kursu djanan. (leitura de futuro próximo definido)

N **na** skirvi nha tarbadju di konkluson di kursu djanan.

1SG partícula escrever meu trabalho de conclusão de curso

“Escreverei meu trabalho de conclusão de curso agora”

Além da partícula “na”, a partícula “ta” também é pré-verbal e pode indicar, segundo Kihm (1994 apud INTUMBO, 2007), um futuro menos iminente ou prospectivo, ou o aspecto habitual (AH).

(28)

N **ta** kuzinha tudu dia. (sentença com leitura habitual)

N **ta** kuzinha tudu dia.

1SG partícula cozinhar todo dia

“ Eu cozinho todo dia”

A partícula **ba**, segundo Kihm (1994 apud INTUMBO, 2007) é pós-verbal e é aplicada ao tempo anterior. Essa partícula também indicar uma condição ou uma hipótese.

(29)

Si no bai **ba** sedu no na djuga

Si no bai **ba** sedu no na djuga

Se 1PL ir partícula cedo 1PL partícula jogar

“ Se tivéssemos ido cedo jogaríamos”

Conforme Intumbo (2007), a combinação **ba dja** é pós-verbal e aplica-se quando se quer marcar o tempo mais anterior, com o objetivo de indicar que uma ação aconteceu e que essa



ação está situada num ponto anterior na linha temporal no que se refere a uma outra ação, que também aconteceu no passado

(30)

I bai **ba dja**.

I bai **ba** **dja**.

3SG ir partícula partícula

“Ele já tinha ido.”

Os exemplos de (24) a (30), bem como a Tabela (3) (Pronomes no guineense - paradigma flexional), foram apresentados para expor o comportamento da morfologia do guineense do que se refere a tempo, aspecto e, em especial, a pessoa com o objetivo de ilustrar que essa língua possui uma morfologia “fraca” (essas informações não aparecem no verbo).

A partir das considerações acima sobre a natureza da morfologia do guineense no que diz respeito ao paradigma pronominal e flexional, a seguir, são apresentados dados do guineense, considerando as propriedades relacionadas ao parâmetro *pro-drop* elencadas no capítulo (3).

**(i) Sujeito (referencial) pronominal nulo:** o guineense não permite o apagamento do pronome na posição de sujeito.

(31)

(a)

**(Ami) N´odja livru.**

(Ami) N´ odja livru.

1SG 1SG encontrar livro

“Eu encontrei o livro.”

(b) \*Odja livru.

(c)

**(Anos) No odja livru.**

(Anos) No odja livru.

1Pl 1Pl encontrar livro

“Nós encontramos o livro.”

(ii) **Sujeito expletivo nulo:** em guineense parece que não é possível ter sujeito expletivo nulo. No exemplo (33a), a posição esquerda do verbo é preenchida por “tchuba” e a ausência dessa expressão torna a sentença agramatical, exemplo (33b); em construções existenciais com “tem”, a posição à direita do verbo também precisa ser preenchida; exemplos (33c) e (33e). Porém, com o verbo “parci” a posição à esquerda do verbo pode ficar não preenchida.

(32)

(a) **Tchuba** na tchubi.

Tchuba na tchubi  
 Chuva partícula chover.

“Está a chover.”

(b) \*\_\_ Na tchubi. / \*tchubi

(c)

**I** tem djintis ku ka gosta de tarbadja.

I tem djintis ku ka gosta de tarbadja  
 3SG pessoas que não gostar de trabalhar  
 “Tem pessoas que não gostam de trabalhar”

(d) \*\_\_ Tem djintis ku ka gosta de tarbadja

(e)

**Kasas** tem mangadel na Kacheu.

Kasas tem manga - del na Kacheu.  
 Casas ter manga - partícula em Cacheu  
 “Casas tem muitas (delas) em Cacheu”  
 “Tem muitas casas em Cacheu”

(f') \*\_\_ Tem manga di kasas na Kacheu.

(f'') \*\_\_ Tem mangadel na Kacheu.

(f''') \*\_\_ Tem mangadel kasas na Kacheu.

(g)

Parci Maria tchiga dja.

Parci Maria tchiga dja.

Parece Maria chegar já.

“Parece que a Maria já chegou”

**(iii) Inversão livre do sujeito em sentenças simples:** Em relação à inversão livre do sujeito em sentenças simples, o guineense apresenta uma verdadeira resistência aos sujeitos invertidos.

(33)

(a) Djon kume.

Djon kume

João comer

“João comeu.”

(b) \*Kume Djon.

(c) Djon tchiga.

Djon tchiga

João chegar

“João chegou”

(d) \*Tchiga Djon.

(e) Djon fusi.

Djon fusi

João fugir

“João fugiu”

(f) \*Fusi Djon.

(g) Djon nada

Djon nada

João nadar  
 “João nadou”

(h) \*Nada Djon.

(iv) **Inversão livre do sujeito em sentenças complexas:** como dito, existe resistência para a inversão livre do sujeito em sentenças simples e, da mesma forma, essa resistência pode ser observada em sentenças complexas.

(34)

(a) I bardadi kuma Maria sai

I bardadi **kuma Maria sai**  
 ser verdade que Maria sair  
 “É verdade que Maria saiu”

(b) \***Maria sai** i bardadi.

(v) **Movimento longo de qu- (sujeito):** o guineense permite retirar um pronome interrogativo de dentro da sentença encaixada para a posição à esquerda da oração principal, porém a posição sintática de sujeito deixada pelo pronome dentro da oração encaixada é preenchida pelo pronome “i”.

(35)

(a) Bu pensa kim ku sai?

Bu pensa kim ku sai  
 Você pensar quem que sair  
 “Você pensa que quem saiu?”

(b) Kim ku bu pensa kuma i sai?

kim ku bu pensa kuma i sai  
 Quem que você pensar que ele 3SG  
 “Quem você acha que saiu?”

(c) \*Kim ku bu pensa kuma sai?

(vi) **Pronome lembrete nulo em orações encaixadas (subordinadas):** o guineense não permite o pronome lembrete nulo em sentenças encaixadas (subordinadas).

(36)

(a) Es i **mininu** ku n'acha kuma i na bim pa festa

Es i mininu ku n'acha kuma i na bim pa festa

Esse é menino que 1SG achar que ele partícula vir para festa

“Esse é o menino que eu acho que vem para a festa”

(vii) **Aparente violação do filtro “that trace”:** o filtro “that trace” não permite que o sujeito se movimente para uma posição acima de um complementador realizado lexicalmente (CHOMSKY, 1981 apud FREITAS, 2010). O guineense viola o filtro “that-t”, como ilustra o exemplo (37a), porém deixa o pronome “i” na posição do elemento movido.

(37)

(a) **Kim ku** bu fala **kuma i** kumpra livru? (viola o filtro *that-trace*)

Kim kui bu fala kuma ii kumpra livru?

Quem que 2SG falar que 3SG comprar livro

“Quem você disse que comprou o livro?”

(b) **Kim ku** bu fala **i** kumpra livru?

Kim kui bu fala ii kumpra livru?

Quem que 2SG falar 3SG comprar livro

“Quem você disse que comprou o livro?”

(c) \* **Kim ku** bu fala **kuma** kumpra livru?

(d) \* **Kim ku** bu fala kumpra livru?

(viii) **Concordância à direita em construção com cópula:** o guineense realiza a concordância à direita em construção com cópula:

(38) I ami.

I ami

ser 1SG

“Sou eu.”

**(ix) Não apresenta relação de complementaridade entre o uso dos sujeitos nulos e plenos.**

Como dito acima no capítulo (3), em situações de sentenças compostas por mais de uma oração, se um pronome aparece, ele terá sua referência disjunta em relação ao sujeito da outra oração; a sentença é agramatical se o pronome aparece e a referência não é disjunta em relação ao sujeito da outra oração (cf. FREITAS, 2010). No que se refere ao guineense, quando o pronome aparece realizado, poderá ter o mesmo referente do sujeito da oração principal, exemplos (39a) e (40a); mas poderá também ter outro referente (referência disjunta), exemplo (39b). O sujeito não pode ser nulo, exemplos (39c) e (40b).

(39)

(a) Contra Karlus suta Djon i bibiba.

Contra Karlusi suta Djon *ii* bibiba

Quando Carlos bater João 3SG beber

“Quando Carlos bateu em João (Carlos) tinha bebido”

(b) Contra Karlus suta Djon i bibiba.

Contra Karlus suta Djon*i* *ii* bibiba

Quando Carlos bater João 3SG beber

“Quando Carlos bateu em João (João) tinha bebido”

(c) \*Contra Karlus suta Djon \_\_ bibiba.

(40)

(a) Mariu panta dipus ku **i** djubi filmi.

Mariu panta dipus ku *i* djubi filmi

Mario assustar depois que 3SG assistir filme

“Mário se assustou depois que (ele) assistiu aquele filme”

(b) \*Mariu panta dipus ku djubi filmi.

(x) **Sujeitos com o traços semântico [- animado] não podem ser nulos:** deve ocorrer p preenchimento de sujeitos com o traço [- animado], pois no guineense não é permitido o sujeito nulo nesses casos.

(41)

(a) Kasa di José nobu. I kumpudu ku pedra

Kasa di José nobu. I kumpudu ku pedra

Casa de José nova. 3SG construído com pedra

“A casa de José é nova. (Ela) foi construída com pedra”

(b) \*Kasa de José nobu. \_\_\_ Kumpudu ku pedra.

(xi) **Construções de duplo sujeitos:** em guineense é possível construções sentenciais que tenham duplo sujeito.

(42)

(a) **Mariu, i** sai sedu es parmanha.

Mariu, i sai sedu es parmanha.

Mario, 3SG sair cedo esta manhã.

“Mário, ele saiu cedo esta manhã.”

(b) \*Mariu, \_\_\_ sai sedu es parmanha.

(43)

(a) **Maria, el** i tchefra.

Maria, el i tchefra

Maria, 3SG ser sapeca

“Maria, ela é sapeca”

(xii) **Em estruturas com correferência o sujeito não pode ser nulo:** no guineense em estruturas com correferência o sujeito não pode ser nulo, é necessário que tenha o “i”, exemplo (44a) e a leitura será ambígua; se na sentença não ocorrer o “i”, ela será agramatical, exemplo (44b)

(44)

(a) Inquntu dutur na visitaba Maria i staba na kanta.

Enquntu [dudur]i na visita - ba Maria ii sta-ba na kanta  
 Enquanto doutor partícula visitar- partícula Maria 3SG estar-partícula partícula cantar  
 “Enquanto o doutor estava visitando Maria (o doutor/ele) cantava”.

(b) Inquntu dutur na visitaba Maria i staba na kanta.

Enquntu duturi na visita - ba [Maria]i ii sta-ba na kanta  
 Enquanto doutor partícula visitar- partícula Maria 3SG estar-partícula partícula cantar  
 “Enquanto o doutor estava visitando Maria (Maria/ele) cantava”.

(c) \*Inquntu dutur na visitaba Maria staba na kanta.

**(xiii) Construções com sintagmas quantificados:** Quando em uma sentença houver a relação de ligação entre pronome e expressões quantificadas (exemplo: todo, cada, ninguém, etc) o sujeito preenchido:

(45)

(a) Tudu mininu ta pensa kuma i djiru.

[Tudu mininu]i ta pensa kuma ij djiru  
 Todo menino partícula achar que 3SG inteligente  
 “Todo menino meninos acha que (ele/Pedro) é inteligente”  
 “Todos os meninos acham que (ele/Pedro) é inteligente”

(b) \*Tudu mininu ta pensa kuma djiru.

(c) Tudu mininui ta pensa kuma e djiru.

[Tudu mininu]i ta pensa kuma ei i djiru  
 Todo menino partícula achar que ele ser inteligente  
 “Todo menino se acha é inteligente”  
 “Todos os meninos se acham inteligentes”  
 “Todo menino acha que eles (João, Carlos, Henrique) são inteligentes”  
 “Todos os meninos acham que eles (João, Carlos, Henrique) são inteligentes”

(d) \*Tudu mininu ta pensa kuma djiru.

(e) Tudu lebri ta pensa kuma i djiru.



Tudu lebri ta pensa kuma i djiru.  
 Toda lebre partícula pensar que 3S inteligente  
 “Toda lebre acha que ela (a raposa) é inteligente”

(f) Tudu lebri ta pensa kuma e djiru.

Tudu lebri ta pensa kuma e djiru.  
 Todo lebre partícula pensar que 3PL inteligente  
 “Todas as lebres se acham inteligentes”  
 “Toda lebre acha que elas (as raposas) são inteligentes”

Na sentença (45a), o pronome realizado “i” faz referência a alguém fora da sentença localizado na situação de fala, por exemplo. Na sentença (45b), o pronome “e” (que é pronome de terceira pessoa do plural) está relacionado ao sintagma “tudu mininu”. O quantificador “tudu” seleciona um grupo que é o dos meninos. A sentença (45b) é ambígua; uma leitura para essa sentença é: se x é menino, então x se acha inteligente; no conjunto de indivíduos, se João é menino, João se acha inteligente; se Pedro é menino, Pedro se acha inteligente; se Carlos é menino, Carlos se acha inteligente.<sup>7</sup> No guineense, para indicar que todos se acham inteligentes é usada a estratégia de preencher a terceira pessoa do plural “e”. A outra leitura para a sentença (45b) seria que as lebres acham que outro indivíduo é inteligente, por exemplo, as raposas.

A Tabela (4) apresenta um resumo do que foi apresentado nos itens de (i) a (xiii)

---

<sup>7</sup> Conversa pessoal com a professora Lidia Silva.

**Tabela 4** - Propriedades – Parâmetro *pro-drop*

<b>Propriedades</b>	<b>Apresenta</b>
Morfologia “fraca”	+ (sim)
(i) Sujeito (referencial) pronominal nulo	- (não)
(ii) Sujeito expletivo nulo	- <sup>8</sup> (não)
(iii) Inversão livre do sujeito em sentenças simples	- (não)
(iv) Inversão livre do sujeito em sentenças complexas	- (não)
(v) Movimento longo de <i>qu-</i> (sujeito)	+ (sim)
(vi) Pronome lembrete nulo	- (não)
(vii) Violação do filtro <i>that trace</i>	+ (sim)
(viii) Concordância à direita em construção com cópula	+ (sim)
(ix) Relação de complementaridade entre o uso de sujeitos nulos e plenos	- (não)
(x) Sujeito nulo com traço semântico [-animado]	- (não)
(xi) Construções de duplo sujeito	+ (sim)
(xii) Sujeito nulo em estruturas com correferência	- (não)
(xiii) Sujeito nulo em construções com sintagmas quantificados	- (não)

Fonte: O autor

Dentre as características que podem ser relacionadas ao parâmetro *pro-drop* e que foram resumidas na tabela acima, o guineense apresenta maior quantidade de marcações negativas para essas propriedades e isso indica que o guineense se comporta de um jeito mais próximo de línguas não *pro drop*. Porém é importante destacar que há propriedades que o

<sup>8</sup> Como visto acima, existe uma forte tendência para o preenchimento do sujeito expletivo.

guineense marca positivamente. Dessa forma, é possível pensar que talvez o guineense seja parcialmente *pro-drop*, como disse Nicolis (2008 apud Veríssimo 2017). O autor ainda defende que se uma língua viola (não obedece) o filtro “that-trace”, tende a apresentar sujeitos nulos expletivos. Entretanto, analisando dados do guineense, é possível concluir que o guineense não obedece ao filtro e ainda sim preenche os sujeitos nulos expletivos (conforme ilustra a Tabela (4)).

O guineense se comporta mais para uma língua não *pro-drop*, uma vez que possui morfologia “fraca”; não admite sujeitos nulos pronominais; resiste à inversão dos sujeitos; não permite o pronome lembrete nulo em sentenças encaixadas; permite movimento longo de QU; viola o filtro “that-trace”; tende a preencher o sujeito expletivo. Por essas e pelas demais características apresentadas na Tabela (4), o guineense tende para o preenchimento quase absoluto dos sujeitos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de conclusão de curso tinha como tema o parâmetro *pro-drop*. O propósito deste trabalho era apresentar o tratamento do fenômeno do sujeito nulo considerando dados do guineense.

A partir do aparato da Teoria Gerativa na sua versão de Princípios e Parâmetros, foi apresentado o comportamento do guineense. O guineense apresenta muitas das propriedades de uma língua não *pro-drop*, ou seja, uma língua de sujeito pleno ou preenchido. O guineense tende a não permitir categorias vazias e tende a optar para realização pronominal na frase. A ausência do pronome compromete a aceitação da sentença pelos seus falantes.

Os pronomes pessoais no guineense apresentam-se em paradigmas divididos em: os mais fortes e os mais fracos; os mais fortes só entram na sentença acompanhados dos mais fracos que os complementam. Geralmente, os pronomes mais fracos são os mais utilizados no discurso. As duas formas aparecem juntas quando se quer, por exemplo, dar ênfase à pessoa do discurso.

O guineense dispõe de uma única forma verbal para cada pessoa do discurso e não licencia o sujeito nulo. Contudo, como visto, a relação entre morfologia “rica” e sujeito nulo não é tão direta, conforme foi apontado por alguns autores citados ao longo do trabalho. De toda forma, uma das explicações ainda plausíveis para a não permissão do sujeito nulo no guineense, conforme os autores estudados, é o fato de essa língua não possuir uma morfologia verbal de número e pessoa rica que seja capaz de recuperar o referente do sujeito da sentença.

## REFERÊNCIAS

- ARUDA JUNIOR, Gerson Francisco. **O fracasso do behaviorismo linguístico**. Universidade Católica de Pernambuco, 2015.
- CASTRO, Pollyana Pereira de. CP e IP cindidos: evidências da língua crioula de Guiné Bissau Split cp and ip: Evidence in Guiné-Bissau Creole. **PAPIA**. 22(2), p. 307-322, 2012
- CHAPOUTO, Sandra Mariza da Costa. **Contributo para a descrição de aspectos fonológicos e prosódicos do crioulo guineense**. Dissertação (Mestrado em Linguística: Investigação e Ensino) - Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2014.
- COUTO, Hildo Honório. **O Crioulo Português da Guiné Bissau**. Hamburg: Buske, 1994.
- DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. **A perda do princípio “evite o pronome” no Português brasileiro**. Tese de Doutorado em Linguística – do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. 1995.
- DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. O sujeito expletivo e as construções existenciais. In: RONCARATI, Claudia; ABRAÇADO, Jussara (Orgs.). **Português brasileiro, contato linguístico e história**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003. Disponível em: [file:///C:/Users/Lidia/Downloads/DUARTE\\_2003\\_SujeitoExpletivoeConstrucoesExistenciais%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Lidia/Downloads/DUARTE_2003_SujeitoExpletivoeConstrucoesExistenciais%20(1).pdf). Acesso em: 03 set 2019.
- EMBALÓ, Filomena. O crioulo da Guiné-Bissau: Língua nacional e factor de identidade nacional. **Papia**, 18, 101-107, 2008.
- FREITAS, Shirley Sousa. **Parâmetro do sujeito nulo no português popular do interior do estado da Bahia**. Monografia (Bacharel em Letras vernáculas) - Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, 2010.
- HENRIQUES, Fernando Pimentel; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Uma análise comparativa das construções com verbos de alçamento na fala e escrita. In: **IX Congresso Nacional de Lingüística e Filologia**, 2005, Rio de Janeiro - UFRJ. Livros de Resumos e Programação, 2005. v. IX. p. 140-141. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/ixcnlf/15/18.htm>. Acesso em 09 set 2019.
- INTUMBO, Incanha. **Estudo comparativo da morfossintaxe do crioulo guineense, do balanta e do português**. Dissertação (Mestrado em Linguística Descritiva - Área de especialização em Línguas em Contacto: Pidgins, Crioulos e Semi-Crioulos) - Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2007.
- KENEDY, Eduardo. Gerativismo. In. MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.
- LAPERUTA, Maridelma. Sujeito Nulo na Aquisição: Um Parâmetro em Mudança- Sujeito Preenchido na Aprendizagem: Eterna Tentativa de Mudança. **Revista do Gelne**. Vol. 6, N. 1, 2004.

SILVA, Humberto Soares da. **O parâmetro do sujeito nulo: confronto entre o português e o espanhol.** Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa – curso de Pós – Graduação em Letras Vernáculas. Rio de Janeiro. Faculdade de Letras / UFRJ, 2006. 117 p.

VERÍSSIMO, Victor. A evolução do conceito de parâmetro do sujeito nulo. **Entrepalavras.** Fortaleza, v. 7, p. 76-90, jan./jun., 2017. Disponível em: [file:///C:/Users/Lidia/Downloads/827-3001-1-PB%20\(4\).pdf](file:///C:/Users/Lidia/Downloads/827-3001-1-PB%20(4).pdf). Acesso em 01 set 2019.